

Fina resistência

Mais seguras e com baixa espessura, as sacolas tipo camiseta são importante ferramenta de divulgação dos supermercados

Por Livia Deorsola

Não bastassem os incontáveis desafios que seguidamente se apresentam para os transformadores de resinas plásticas, outros mais são colocados num drama vivido por donos de supermercados. Tendo nas sacolas tipo boca-de-caixa, ou camisetas, praticamente a única mídia disponível para divulgação de sua marca, muitos desses estabelecimentos se defrontam com dificuldades financeiras para recorrer a elas. “No período de expansão do negócio, depois da divulgação boca a boca, foi esse veículo que nos tornou mais conhecidos na região”, conta Antônio Moura, dono de duas lojas num bairro da periferia de São Paulo, que atendem cerca de 5 000 pessoas por mês. “Mas hoje a verba está curta e não dá mais para imprimir as sacolas”, ele diz. A saída é utilizar produtos padrão, sem logotipo ou qualquer elemento impresso.

O que sucede com o pequeno supermercado de Moura se repete com incontáveis outros estabelecimentos do mesmo porte, mas levanta indagações sobre um problema que não deixa de afetar também as redes gigantes: a questão da qualidade do material



ECONOMIA –
Sacolas mais resistentes significam menos desperdício na hora de embalar as compras

Abief
(11) 3032-4092
www.abief.com.br

Abiquim
(11) 2148-4700
www.abiquim.com.br

Braskem
(11) 3443-9999
www.braskem.com.br

Ipiranga
(51) 3216-4449
www.ipq.com.br

Plastivida
(11) 5505-0521
www.plastivida.org.br

STUDIO A3 - ANDRÉ GOODY

Bons resultados, mas problemas com preços, juros, China...

Os desenvolvimentos mais avançados em termos de resistência obtidos pela indústria de resinas têm conseguido firmar espaço na indústria transformadora, com bons resultados em 2004. Segundo dados da Abiquim – Associação Brasileira da Indústria Química, o consumo de resinas termoplásticas naquele ano foi de 4,2 milhões de toneladas. As petroquímicas não divulgam quanto desse montante corresponde às especiarias, mas garantem

que representam boa parte do lucro. Para se ter uma idéia da importância do material, das cinco unidades da IPQ localizadas no Pólo Petroquímico de Triunfo (RS), três são voltadas à produção de PEAD, com uma capacidade instalada de 400 mil toneladas por ano.

A Abiquim informa que o consumo aparente (soma da produção nacional com as importações) da matéria-prima, medido de janeiro a setembro de 2005, foi de aproximadamente 2,8

milhões de toneladas. A redução de 0,67% em relação ao mesmo período em 2004 é atribuída pela instituição à elevada taxa de juros e à entrada de produtos plásticos vindos da China. Por sua vez, a ABIEF – Associação Brasileira da Indústria de Embalagens Plásticas Flexíveis aponta para problemas na aquisição das resinas termoplásticas por conta do aumento do consumo interno, comum em fim de ano, e da alta nos preços da matéria-prima.

plástico de suas sacolas. Por mais verba de que disponham para publicidade, nas mais nobres mídias, é nesse meio de transporte de mercadorias que vai sua marca. Como no caso dos recipientes rotulados dos produtos que comercializam, é a sacola – a embalagem do supermercado – que leva e divulga diretamente a bandeira da casa. A imagem desse item cantado em prosa e verso como “maior patrimônio de qualquer empresa” estará arranhada sempre que acontecer a célebre cena das compras indo ao chão após a sacola arrebentar.

Para evitar esse tipo de dano, é comum os consumidores, quando não os caixas e empacotadores, utilizarem mais de uma sacola para suportar o peso com segurança, aumentando assim os gastos e desperdiçando material. É compreensível que isso ocorra quando as sacolas não se adequam às orientações da ABNT – Associação Brasileira de Normas Técnicas para resistência do material. Um – a rigor, apenas o primeiro – dos desafios para transformadores é, portanto, alcançar a alta resistência do plástico sem aumentar a espessura do filme.

Especialidades

Para tanto, a indústria petroquímica tem incrementado as especificidades das resinas termoplásticas, de modo que a resistência mecânica das sacolas evite estouros. Além de aplicar em commodities, tem investido na produção de especialidades, como faz a Ipiranga Petroquímica. A par do GM 9450 F, um polietileno de alta densidade (PEAD), desenvolvido para o segmento de extrusão de filme de alta massa molar, já consagrado no mercado, a IPQ comercializa, desde o ano passado, a resina Maxi Film, um PEAD capaz de produzir um filme de alta tenacidade e resistência até 50% superior (*ver EMBALAGEM- MARCA n° 54, de fevereiro de 2004*). Segundo Jayme Moura, gerente de desenvolvimento de produtos da IPQ, a receita possui aditivos superiores e é possível produzir sacolas com espessura até 20% menor.

Na linha das resinas de alto desempenho, a Braskem atua com o HF-0147 e o ES 300, PEADs que também prometem boa soldabilidade e elevada resistência mecânica à tração e ao rasgo. “A sacola é considerada pelos

supermercadistas como custo adicional ao negócio e, portanto, sofre forte impacto durante as negociações entre os supermercados e os fornecedores”, avalia Fabiano Zanatta, engenheiro de aplicação da Braskem. Para ele, a busca incessante na redução de custo das sacolas vem provocando perda da competitividade dos transformadores e da qualidade final do produto.

Ante esse quadro, o que parece é que o segundo desafio para os transformadores, no caso das sacolas-camiseta, é uma questão de comunicação. Eles precisam convencer o varejo de que, enquanto virem nas sacolas em que os clientes levam sua marca para casa como custo e não como valor, estarão estimulando o desperdício. Talvez uma boa saída seja melhorar a resistência das sacolas



NO LUGAR CERTO - A reutilização das sacolas e a reciclagem do plástico diminuem o impacto sobre o meio ambiente

e fazer essa informação chegar a todos os envolvidos no ato final da saída das mercadorias nos check-outs: caixas, empacotadores e consumidores.



Melhor qualidade, menos resíduos

Sacolas tipo camiseta mais resistentes propiciam um benefício que vai além do econômico. Profissionais da área petroquímica e ambiental ouvidos pela reportagem concordam em afirmar que o aumento da resistência do filme, aliado a espessuras menores, diminui a quantidade de plástico destinado ao lixo. “Ao evitar o uso de duas ou mais sacolas para a embalagem das compras, menos plástico é jogado fora”, afirma Daniel Fleischer, da gerência de marketing da IPQ. “As sacolas de melhor qualidade são reutilizadas, mesmo que seja para comportar lixo doméstico, o que já ajuda bastante”, acrescenta Sílvia Rolim, assessora técnica da Plastivida – Instituto Sôcio-ambiental dos Plásticos.

Dentre as possibilidades, a reciclagem do plástico é uma preocupação da cadeia produtora, embora existam entraves a transpor. “Tudo depende de uma

eficiente coleta seletiva e de uma cultura da reciclagem”, pondera Sílvia. “Os supermercados não podem garantir que as sacolas retornarão para ser recicladas”, ela argumenta. Apesar das dificuldades na coleta, a assessora da Plastivida informa que a demanda pelo plástico pós-consumo é de 100%, esbarrando, apenas, na falta de fornecimento contínuo de matéria-prima, outro reflexo da escassez de sistemas de coleta seletiva. Outra dificuldade é a ausência do código de identificação das resinas, exigido por norma da ABNT. Este item dificulta a separação dos diferentes tipos de plásticos, cujas características físicas e de degradação térmica são diversas. No Brasil, a reciclagem mecânica é a mais comum. Os descartes plásticos são convertidos em grânulos que podem ser reutilizados na produção de outros produtos, como solados, pisos, mangueiras, componentes de

automóveis, fibras e embalagens não-alimentícias. O grande problema, entretanto, é diminuir o impacto das embalagens plásticas que são jogadas diretamente no meio ambiente. Uma das soluções apontadas é a fabricação de plásticos degradáveis ou biodegradáveis, caminho que ainda não é consenso. “O resultado da degradação é o composto, mas, no Brasil, temos menos de 1% de compostagem”, afirma Sílvia. “Cientificamente não está confirmado se a degradação do plástico é vantagem para a natureza. Os aditivos usados para a quebra da cadeia de polímeros chegam à natureza de qualquer forma”, considera Daniel Fleischer.

A combinação entre a reciclagem mecânica, uma eficiente coleta seletiva e o uso adequado dos aterros sanitários são as medidas apontadas como ideais para que a questão avance, conclui Sílvia Rolim.